



A FRAGMENTAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA NO SUL DA BAHIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONSERVAÇÃO DOS PSITACÍDEOS

Paulo Henrique Chaves Cordeiro

Ornis Meio Ambiente e Desenvolvimento
Rua Marquês de Abrantes, 177/704, Flamengo, 22.230-060, Rio de Janeiro, RJ
paulo.cordeiro@ornis.com.br

Resumo. A conservação da Mata Atlântica é considerada prioritária para a manutenção da diversidade biológica brasileira. Nesse contexto, o Projeto “Abordagens Ecológicas e Instrumentos Econômicos para o Estabelecimento do Corredor do Descobrimento: Uma Estratégia para reverter à fragmentação Florestal na Mata Atlântica do Sul da Bahia” pretende indicar áreas prioritárias para a conservação de biodiversidade. As principais formações vegetais encontradas na região são as matas de tabuleiro, as matas semidecíduas, os ecossistemas costeiros (manguezais e matas de restinga) e os campos naturais (“mussunungas”). Entre março de 1999 e novembro de 2001 foram realizados censos em 30 localidades no sul da Bahia. No total foram registradas 14 espécies dos 19 psitacídeos assinalados para a região. Seis espécies são endêmicas do Brasil. Cinco espécies são restritas ao bioma Mata Atlântica. Quatro espécies são listadas no Apêndice I do CITES. Sete espécies são legalmente protegidas no Brasil. Nove espécies estão listadas em alguma categoria de ameaça da UICN. A distribuição das espécies é apresentada por ambiente preferencial em cada localidade, com ênfase na ocorrência de espécies endêmicas, raras e ameaçadas. O registro de diversas espécies ameaçadas comprova a importância do sul da Bahia para a conservação dos psitacídeos. Por outro lado, quatro espécies ameaçadas (*Touit melanonota*, *Pionopsitta pileata*, *Amazona vinacea* e *Triclaria malachitacea*), todas com ocorrência histórica para a região, não foram registradas durante os inventários de campo. As análises de tamanho mínimo de fragmento para conservar a diversidade indicam que remanescentes com mais de dois mil hectares suportam a maior parte das espécies. A distribuição espacial da riqueza de endêmicos e ameaçados sugere duas regiões prioritárias nas áreas de Matas de Tabuleiro. A primeira se localiza próxima ao litoral, entre o Rio de Contas e o Rio Jequitinhonha, incluindo a Reserva Biológica de Una e a RPPN Ecoparque. A segunda região de alto endemismo ocorre no extremo sul e inclui os Parques Nacionais do Pau Brasil, Monte Pascoal e Descobrimento e a RPPN Veracruz.

INTRODUÇÃO

A conservação da Mata Atlântica é considerada prioritária para a manutenção da diversidade biológica no continente americano (Dinerstein *et al.* 1995). Esse reconhecimento se deve principalmente a alta riqueza de espécies, aliada a significativos níveis de endemismo (Fonseca 1997, Cordeiro 1999) e ao elevado grau de fragmentação de seus ambientes (Câmara 1991).

O Workshop “Prioridades para a Conservação da Mata Atlântica do Nordeste” (CI/FB/SNE 1994) indicou cinco

grandes áreas de relevância no sul da Bahia. Nessa região ainda estão localizadas as últimas grandes reservas de matas de tabuleiros costeiros (SOS Mata Atlântica e INPE 1997), ecossistema endêmico do Brasil e muito ameaçado, principalmente pelo desflorestamento desordenado das áreas de baixada do leste do Brasil.

Em consequência disso, o Projeto Abordagens Ecológicas e Instrumentos Econômicos para o Estabelecimento do “Corredor do Descobrimento”: Uma Estratégia para reverter à fragmentação Florestal na Mata Atlântica do Sul da Bahia foi submetido e aprovado pelo PROBIO

(Edital: Fragmentação de Ecossistemas Florestais), através de parcerias institucionais entre a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Conservation International do Brasil (CI), o Instituto de Estudos Sócio-Ambientais do Sul da Bahia (IESB), o Departamento de Desenvolvimento Florestal do Estado da Bahia (DDF) e o Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais da UNICAMP (NEPAM).

O grupo de estudos biológicos do projeto possibilitou o desenvolvimento do sub-projeto "Inventário das Aves da Mata Atlântica do Sul da Bahia". Essa iniciativa contou com levantamentos ornitológicos de campo e investigou a riqueza de espécies, a composição das comunidades nos diversos remanescentes florestais e verificou o grau de substituição de espécies ao longo dos gradientes latitudinal e longitudinal. A análise dos dados pretende indicar as áreas que melhor se ajustem aos objetivos gerais do Projeto "Corredor do Descobrimento" que são conservar a biodiversidade, propondo medidas de gestão ambiental e desenvolvimento sustentado para a região.

Os objetivos desse trabalho foram analisar a distribuição geográfica das espécies de psitacídeos em fragmentos de Mata Atlântica do sul da Bahia; estudar as implicações da fragmentação sobre as populações; e por fim, indicar áreas e medidas prioritárias para conservação.

MÉTODOS

Inventários ornitológicos foram conduzidos nos principais tipos de vegetação apropriados para a implementação do corredor. Os remanescentes de mata primária (ou em estágio final de regeneração) e fragmentos de mata secundária (ou em estágio intermediário de regeneração) foram inventariados com prioridade. Contudo, todos os aspectos fitogeográficos e estágios sucessionais contidos nas áreas estudadas ou no seu entorno tiveram sua avifauna levantada.

Trinta (30) localidades foram inventariadas entre março de 1999 e novembro de 2001 (Tabela 1). Os métodos de censos visuais e bioacústicos foram utilizados em conjunto para inventariar as localidades (Bibby *et al.* 1992). Os censos

foram realizados em estradas e trilhas pré-existentes.

Uma única campanha, de quatro dias consecutivos foi realizada em cada localidade. Durante os levantamentos foi dada ênfase ao registro de espécies endêmicas, raras e ameaçadas que poderão auxiliar na identificação e caracterização de áreas prioritárias para conservação.

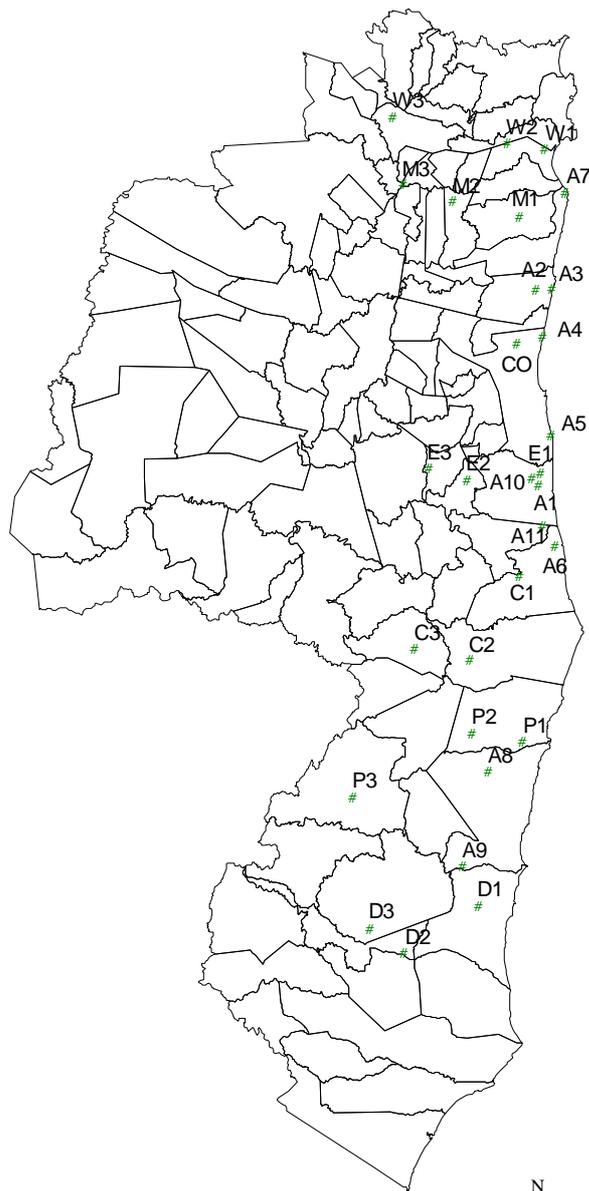
As áreas inventariadas foram distribuídas em nove sub-regiões determinadas por grandes formações vegetais e rios importantes da região (veja Figura 1). Três faixas latitudinais foram identificadas no sentido leste-oeste. Uma faixa próxima do litoral que é composta por vegetação associada aos cordões arenosos (restingas, matas de restinga, mangues e campos naturais); uma faixa central dominada por matas de tabuleiro; e uma faixa ocidental, de transição para matas semidecíduas mais interioranas. Outras três zonas biogeográficas foram determinadas no sentido norte-sul. Uma zona ao norte, entre o Rio Jequiriçá e o Rio de Contas (costa do dendê); uma zona intermediária, entre o Rio de Contas e o Rio Jequitinhonha (Costa do cacau); e uma zona meridional, entre o Rio de Contas e o Rio Mucuri (Costa da Baleia).

A riqueza de espécies de psitacídeos nos remanescentes florestais foi comparada entre os fragmentos de tamanhos diferentes, dessa forma é estimado o tamanho mínimo de fragmento necessário para a conservação das espécies. Os fragmentos foram analisados em função da composição de espécies, tamanho, isolamento e forma, indicando as prioridades para a conservação das espécies em cada área.

RESULTADOS

Entre março de 1999 e novembro de 2001 foram realizados censos em 30 localidades no sul da Bahia. As informações relativas ao nome da localidade, município, coordenada geográfica, datas de campo, riqueza de espécies e tamanho das áreas inventariadas estão resumidas na Tabela 1.

Figura 1: Localidades amostradas pelo Projeto Inventário das Aves da Mata Atlântica do sul da Bahia



LEGENDA

- W1 - Faz. Subáuma
- W2 - Faz. São João
- W3 - Nova Aliança
- M1 - Zumbi Palmares
- M2 - Faz. Pedra Formosa
- M3 - Faz. São Roque
- CO - Faz. Caititu
- E1 - RPPN Ecoparque
- E2 - Faz. Boa Sorte
- E3 - RPPN Teimoso
- C1 - Faz. Montecristo
- C2 - Faz. Taquara
- C3 - Faz. Palmeiras
- P1 - RPPN Veracruz
- P2 - Faz. Cara Branca
- P3 - Faz. Vista Bela
- D1 - PN Descobrimento
- D2 - Faz. Alco Prado
- D3 - Faz. P. Pajaú
- A1 - Faz. Jueirana
- A2 - Faz. Rio Capitão
- A3 - Rest. Serra Grande
- A4 - Rest. de Ilhéus
- A5 - Rest. de Una
- A6 - Rest. Canavieiras
- A7 - Rest. de Maraú
- A8 - PN Pau Brasil
- A9 - PN Monte Pascoal
- A10 - ReBio de Una
- A11 - Faz. Bolandeira

Tabela 1: Listagem como o nome, município, coordenada geográfica (UTM), data, riqueza de espécies (Riq) e tamanho das áreas (ha) inventariadas pelo sub-projeto "Inventário das Aves da Mata Atlântica do Sul da Bahia".

Localidades	Município	Coordenadas	Data	Riq	Tam
Faz. Subaúma	Cairu	496040-8484268	26-29/11/00	5	800
Faz. São João	Nilo Peçanha	478119-8487188	22-25/11/00	4	500
Nova Aliança	W.Guimarães	422364-8499566	12-15/03/00	6	1600
P. A. Zumbi Palmares	Camamú	484524-8450278	03-06/06/99	4	800
Faz. Pedra Formosa	Ibirapitanga	451267-8457445	20-23/06/01	4	200
Faz. São Roque	Itamari	427314-8467113	24-28/06/01	6	400
Faz. Caititu	Uruçuca	482881-8388297	13-16/11/01	5	550
RPPN Ecoparque	Una	494201-8324537	07-10/06/99	9	9000
Faz. Boa Sorte	Arataca	458575-8321374	02-05/04/00	8	1200
RPPN Teimoso	Jussari	439764-8326701	06-09/04/00	6	500
Faz. Montecristo	Canavieiras	484176-8274414	18-21/11/01	5	400
Faz. Taquara	Belmonte	459695-8231937	19-22/05/01	7	3000
Faz. Palmeiras	Itapebi	433047-8238344	15-18/05/01	6	900
RPPN Veracruz	Porto Seguro	484469-8191962	27-30/10/99	12	7000
Faz. Cara Branca	S. C. Cabrália	460761-8196877	28-31/10/00	6	200
Faz. Vista Bela	Guaratinga	402650-8165378	08-11/12/00	6	500
PN Descobrimento	Prado	463159-8111937	12-15/08/01	12	11000
Faz. Alcoprado	T. Freitas	428467-8088016	06-09/08/01	9	1000
Faz. P. Pajaú	Itamaraju	410473-8101529	02-05/10/01	6	300
Faz. Jueirana	Una	493332-8318700	18-21/03/99	8	9000
Faz. Rio Capitão	Itacaré	492221-8414989	15-18/06/99	6	1600
Rest. Serra Grande	Itacaré	500551-8413546	20-23/06/99	5	800
Rest. de Ilhéus	Ilhéus	494331-8391889	26-29/06/99	5	600
Rest. de Una	Una	499329-8343355	03-06/07/99	5	500
Camp. Canavieiras	Canavieiras	501439-8288491	07-10/07/99	5	400
Rest. de Maraú	Camamú	506435-8462394	10-13/01/00	4	200
PN Pau Brasil	Porto Seguro	469033-8178281	16-19/08/01	12	8000
PN Monte Pascoal	Itamaraju	456169-8131517	23-26/10/99	12	7000
ReBio de Una	Una	490306-8321989	20-23/08/01	9	9000
Faz. Bolandeira	Una	495220-8298486	27-30/10/99	8	1000

Na Tabela 2 estão resumidas as informações sobre o status de conservação das espécies de ocorrência esperada para o sul da Bahia. Seis espécies são endêmicas do Brasil (31,57 % do total). Cinco espécies são restritas ao bioma Mata Atlântica (26,32 % do total). Quatro

espécies são listadas no Apêndice I do CITES (20,05 % do total). Sete espécies são legalmente protegidas no Brasil (36,84 % do total). Nove espécies estão listadas em alguma categoria de ameaça da UICN (47,37 % do total).

Tabela 2: Espécies assinaladas para o sul da Bahia e informações complementares sobre distribuição geográfica e status de conservação. Legenda: espécie endêmica do Brasil (EBr), segundo Stotz *et al.* (1996) e Sick (1997); espécie endêmica da Mata Atlântica (EMA), segundo Forshaw (1978) e Brooks *et al.* (1999); espécie listada no apêndice I do CITES (CITES), segundo Juniper e Parr (1998); espécie legalmente protegida no Brasil (IBAMA), segundo Bernardes *et al.* (1990); categoria de ameaça (UICN), ameaçada (A), vulnerável (V), quase-ameaçada (Q), segundo Collar *et al.* (1994); frequência de ocorrência (Freq), abundante (A), comum (C), local (L), raro (R), não registrada (E); número de localidade (Loc) onde a espécie foi registrada; e o Ambiente onde ocorre (Habitat), mata semidecídua montana (MSM), mata de tabuleiro (MT), mata de restinga (MR).

Espécies	EBr	EMA	CITES	IBAMA	UICN	Freq	Loc	Habitat
<i>Propyrrhura maracana</i>			X		V	R	4	MSM
<i>Aratinga leucophthalmus</i>						L	4	MT
<i>Aratinga auricapilla</i>	X				V	C	18	MT e MSM
<i>Aratinga aurea</i>						A	30	MSM, MT e MR
<i>Pyrrhura cruentata</i>	X	X	X	X	V	C	13	MT
<i>Pyrrhura frontalis</i>		X				L	4	MSM
<i>Pyrrhura leucotis</i>	X			X		R	4	MT
<i>Forpus xanthopterygius</i>						A	30	MSM, MT e MR
<i>Brotogeris tirica</i>	X	X				A	30	MSM, MT e MR
<i>Touit melanonota</i>	X	X		X	A	E	-	
<i>Touit surda</i>	X	X		X	A	L	16	MR e MT
<i>Pionopsitta pileata</i>		X			Q	E	-	
<i>Pionus menstruus</i>						C	7	MT
<i>Pionus maximiliani</i>						E	-	
<i>Amazona rhodocorytha</i>	X	X	X	X	A	A	19	MT
<i>Amazona amazonica</i>						A	21	MT e MR
<i>Amazona farinosa</i>						L	7	MT
<i>Amazona vinacea</i>			X	X	A	E	-	
<i>Triclaria malachitacea</i>		X		X	A	E	-	

Distribuição das espécies

No total foram registradas 14 espécies dos 19 psitacídeos assinalados para a região. Os dados sobre a distribuição das espécies nas localidades e por ambientes preferenciais são apresentados na Tabela 2.

As espécies foram divididas em grupos por frequência de ocorrência e status de conservação (Tabela 2).

O grupo de espécies "frequentes" na região é formado por aquelas que ocorrem em todas as localidades amostradas. Esse grupo é composto pelo periquito-estrela (*Aratinga aurea*), pela cuiuba (*Forpus xanthopterygius*), pela tiriba (*Brotogeris tirica*). Essas espécies geralmente ocorrem

em todas as áreas florestadas, inclusive nas bordas e outros ambientes menos conservados e não parecem apresentar quaisquer problemas de conservação.

A fura-mata (*Pyrrhura cruentata*), endêmica da Mata Atlântica foi classificada como comum na maioria das áreas inventariadas onde ocorre. Contudo, a espécie é classificada como vulnerável pela UICN.

Da mesma forma, a jandaia-sol (*Aratinga auricapilla*), também endêmica do Brasil e listada como vulnerável, durante os inventários foi considerada comum nas localidades onde ocorre. Essa espécie aparece em grandes números, formando grupos e utilizando ambientes secundários.

Por sua vez, o chauá (*Amazona rhodocorytha*), também endêmico do Brasil é considerado ameaçado de extinção. Essa espécie é frequentemente encontrada cativa nas propriedades rurais como animal de estimação (xerimbabo). Embora os chauás sejam listados na Portaria do IBAMA e também no Apêndice I do CITES, continuam sendo oferecidos pelos vendedores ilegais de animais silvestres na região central do Corredor. Essa preferência pelo chauá como animal mais comercializado pode estar relacionado à facilidade com que os filhotes são apanhados nos ninhos ou pela alta densidade das populações que aparecem da região durante a estação reprodutiva.

Diversas espécies (quatro) foram classificadas como de ocorrência local. Essas espécies geralmente apresentam padrões biogeográficos particulares. Algumas apresentam limite de distribuição na borda da região estudada, outras preferem ambientes que são encontrados de forma isolada dentro da matriz analisada e ainda existem aquelas que ocorrem naturalmente de forma localizada.

O periquitão (*Aratinga leucophthalmus*) é uma espécie de ampla distribuição no Brasil. Contudo, foi registrado apenas nas matas de tabuleiros do extremo sul.

A maracanã (*Propyrrhura maracana*), categorizada como vulnerável, foi registrada apenas na porção ocidental do Corredor, em áreas de transição com a mata semidecídua. Essa espécie parece preferir ambientes florestados (matas semidecíduas) mais interioranas (veja Sick 1997).

A cara-suja (*Pyrrhura frontalis*), endêmica da Mata Atlântica apresenta padrão de distribuição semelhante às maracanãs, ocorrendo apenas nas áreas de transição da mata semidecídua. Possivelmente, o sul da Bahia também é limite norte de sua distribuição (obs. pessoal).

A fura-mata-pequena (*Pyrrhura leucotis*) ocorre exclusivamente ao sul do Rio Jequitinhonha, no extremo sul do Estado. Essa espécie apresenta um padrão de distribuição muito complexo, sendo naturalmente fragmentado ao longo de sua área de ocorrência (Juniper e Parr 1998).

O Papagaio-moleiro (*Amazona farinosa*) se distribui principalmente nos grandes

fragmentos de mata de tabuleiro do extremo sul da Bahia. Contudo, ainda pode ser encontrado na Fazenda Alcoprado, remanescente isolado por pastagens, de aproximadamente mil hectares.

Por fim, a suia (*Touit surda*), uma espécie endêmica da Mata Atlântica brasileira categorizada como ameaçada. Essa espécie ocorre principalmente na faixa costeira nas localidades da zona de transição entre as matas de restinga e as matas de tabuleiros.

As espécies não registradas nesse trabalho, mas de ocorrência comprovada para a região do sul da Bahia são cinco.

O papagaio (*Touit melanonota*), ave endêmica da Mata Atlântica e categorizada como ameaçada de extinção, ocorreria na porção do extremo sul da Bahia, borda norte de sua distribuição geográfica (Collar et al. 1992).

O cuiú (*Pionopsitta pileata*) também é endêmico da Mata Atlântica, possuindo apenas registros para áreas montanhosas interioranas (Gonzaga et al. 1995).

A maritaca (*Pionus maximiliani*) ocorre em muitas regiões do Brasil, foi coletada por Pinto (1935) na Serra do Palhão/Rio Novo e registrado em Boa Nova por Gonzaga et al. (1995). Contudo, não foi observada durante os censos.

A sabiá-cica (*Tricharia malachitacea*), outra espécie endêmica da Mata Atlântica e listada como ameaçada. A distribuição dessa espécie é semelhante à do papagaio, ocorrendo mais ao sul, com limite de distribuição norte no extremo sul da Bahia. O único exemplar com procedência conhecida foi coletado em Valença, pelo Wied (Collar et al. 1992).

Por fim, o papagaio-do-peito-roxo (*Amazona vinacea*) espécie ameaçada de extinção que não foi registrada para a região, mas possivelmente ocorre na porção ocidental do Corredor.

Maiores esforços devem ser orientados para a verificação do atual status de conservação das espécies esperadas para a região e não registradas durante os inventários. Embora sejam em sua maioria categorizadas em algum nível de ameaça e por isso raras na região, um estudo sobre sua distribuição e densidade possivelmente poderia indicar áreas e propor medidas para o manejo de espécies mais sensíveis.

Distribuição da riqueza de Psitacídeos Endêmicos no sul da Bahia

As análises quanto à distribuição espacial da riqueza de psitacídeos endêmicos que ocorrem no sul da Bahia indicou duas áreas de importância (Figura 2). A primeira dessas áreas se localiza no conjunto de remanescente associados à Reserva Biológica de Una e a Reserva Particular do Patrimônio Natural Ecoparque.

A segunda área de alta riqueza de endemismos se concentra no extremo sul do Estado. Os fragmentos associados aos grandes blocos já protegidos, compostos pelo Parque Nacional do Descobrimento, Parque Nacional do Pau Brasil, Parque Nacional do Monte Pascoal e a Reserva Particular do Patrimônio Natural Veracruz abrigam quase todas as espécies registradas para a região, incluindo as espécies endêmicas e ameaçadas.

Riqueza de Espécies e o Tamanho Mínimo de Fragmento

Os fragmentos maiores abrigam o maior número de espécies (Figura 3). Por outro lado, áreas menores podem também abrigar um grande número de espécies de Psitacídeos. Conforme indicado na Figura 3, fragmentos de dois mil hectares suportam grande parte das espécies, inclusive as consideradas ameaçadas de extinção.

Segundo os resultados das análises de tamanho mínimo para manutenção da riqueza de psitacídeos endêmicos, as Unidades de Conservação localizadas no âmbito do "Corredor do Descobrimento" apresentam tamanhos adequados para a manutenção das espécies.

Contudo, esforços de conservação devem ser destinados a porção ocidental da área de estudo, onde muitas florestas secundárias poderiam ser mantidas e mesmo ampliadas no sentido de criar corredores biológicos nessa região.

DISCUSSÃO

Cerca de quatrocentas espécies de aves ocorrem na região do "Corredor de Descobrimento", sendo que aproximadamente cinquenta são endêmicas da Mata Atlântica (Stotz *et al.* 1996, Brooks *et al.* 1999). Os psitacídeos, por sua vez, são representados por 14

espécies, dentre as 19 já assinaladas para a região (Forshaw 1978, Sick 1997, Juniper e Parr 1998), sendo nove espécies listadas em alguma categoria de ameaça (Collar *et al.* 1994). Esses números demonstram a relevância do sul da Bahia para a conservação da diversidade de aves da Mata Atlântica, principalmente pela existência de extensas áreas de matas de baixadas, outrora abundantes e hoje muito reduzidas em todo o bioma (veja Cordeiro 1999).

O registro de diversas espécies ameaçadas confirma a importância do sul da Bahia para a conservação dos psitacídeos. Por outro lado, quatro espécies ameaçadas (*Touit melanonota*, *Pionopsitta pileata*, *Amazona vinacea* e *Tricharia malachitacea*), todas com ocorrência histórica para a região, não foram registradas durante os inventários de campo, devendo ser estudadas em trabalhos futuros.

O sul da Bahia foi contemplado em poucos estudos ornitológicos (veja Gonzaga *et al.* 1995 e Pacheco *et al.* 1996 para uma revisão), sugerindo uma grande demanda de esforços de campo para indicar estratégias e dar suporte as decisões em ações de conservação (Fonseca 1997, Mittermeier *et al.* 1997).

Os inventários recentes da avifauna da região são insuficientes, parte deles são muito locais ou fragmentados (geralmente descrição de novas espécies) ou então não são divulgados na literatura científica. Em sua maioria, os trabalhos se limitam a listas pessoais de pesquisadores brasileiros (geralmente não publicadas), ou relatórios técnicos de circulação restrita, fundamentados em registros de ornitólogos estrangeiros, com interesse na conservação ou no ecoturismo de observação de aves na natureza.

Muitas vezes, grupos grandes de turistas de outros países recebem autorização para visitar e observar aves em áreas protegidas que não se destinam a essa atividade, como a Reserva Biológica de Una, enquanto restrições de acesso são feitas a pesquisadores brasileiros (Obs. pessoal).

Figura 2: Distribuição da riqueza de Psitacídeos endêmicos no sul da Bahia

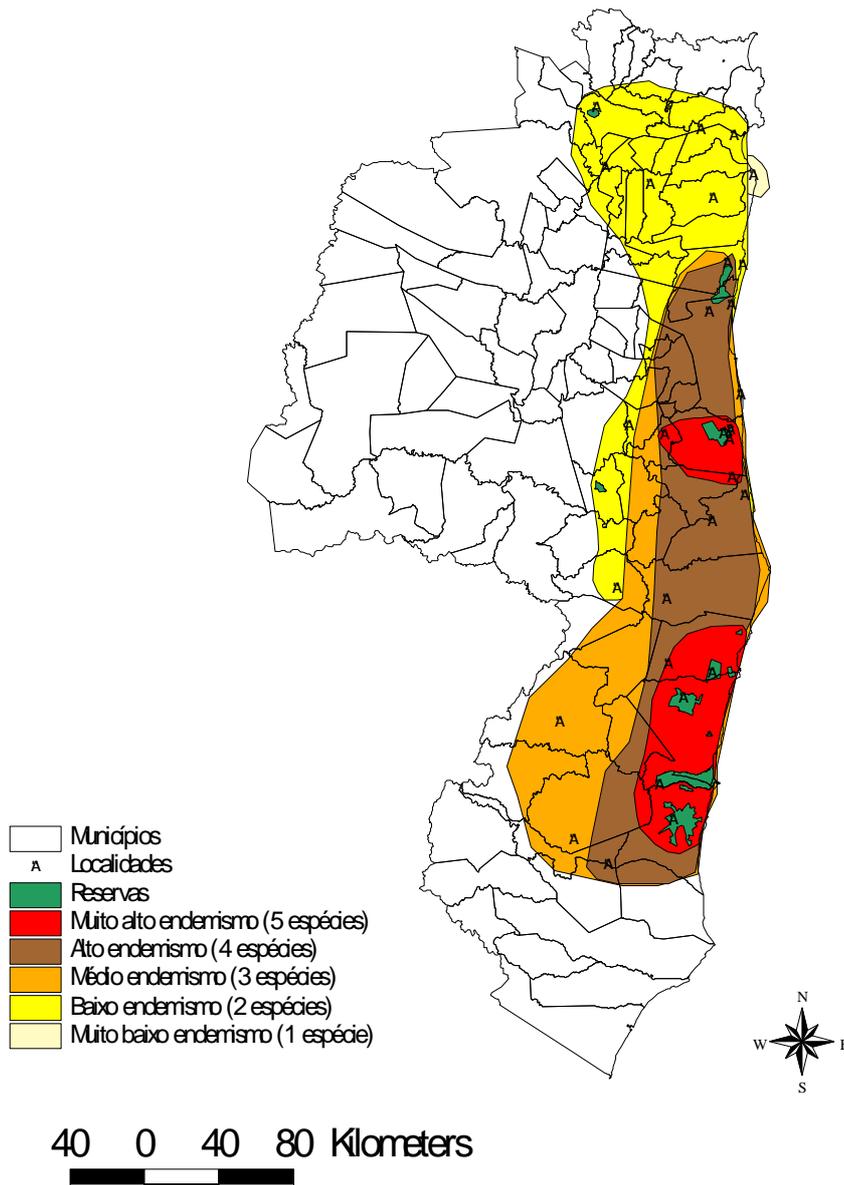


Tabela 3: Distribuição das espécies de Psitacídeos nas localidades inventariadas pelo sub-projeto “Inventário das Aves da Mata Atlântica do Sul da Bahia”.

Cod. Localidades	<i>Propyrrhura maracana</i>	<i>Aratinga leucophthalmus</i>	<i>Aratinga auricapilla</i>	<i>Aratinga aurea</i>	<i>Pyrrhura cruentata</i>	<i>Pyrrhura frontalis</i>	<i>Pyrrhura leucotis</i>	<i>Forpus xanthopterygius</i>	<i>Brotogeris tirica</i>	<i>Touit surda</i>	<i>Pionus menstruus</i>	<i>Amazona rhodocorytha</i>	<i>Amazona amazonica</i>	<i>Amazona farinosa</i>
W1 Faz. Subaúma			X				X	X	X			X		
W2 Faz. São João			X				X	X			X			
W3 E.E.E. Nova Aliança	X	X	X		X		X	X						
M1 P.A. Zumbi Palmares			X				X	X			X			
M2 Faz. Pedra Formosa			X				X	X			X			
M3 Faz. São Roque	X	X	X		X		X	X						
CO Faz. Caititu			X	X			X	X	X		X	X		
E1 RPPN Ecoparque			X	X	X		X	X	X		X	X	X	
E2 Faz. Boa Sorte			X	X	X		X	X	X		X	X		
E3 RPPN Serra Teimoso	X	X	X		X		X	X						
C1 Faz. Montecristo			X				X	X	X			X		
C2 Faz. Taquara			X	X	X		X	X			X	X		
C3 Faz. Palmeiras	X	X	X		X		X	X						
P1 RPPN Veracruz		X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X
P2 Faz. Cara Branca			X	X			X	X			X	X		
P3 Faz. Vista Bela			X	X			X	X		X	X			
D1 ParNa Descobrimento	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X
D2 Faz. Alcoprado			X	X	X		X	X		X	X	X	X	
D3 Faz. Princesa do Pajau			X	X			X	X		X	X			
A1 Faz. Jueirana			X	X	X		X	X	X		X	X		
A2 Faz. Rio Capitão			X	X			X	X			X	X		
A3 Rest. de Serra Grande			X				X	X	X			X		
A4 Rest. de Ilhéus			X				X	X	X			X		
A5 Rest. de Una			X				X	X	X			X		
A6 Rest. de Canavieiras			X				X	X	X			X		
A7 Rest. de maraú			X				X	X				X		
A8 ParNa Pau Brasil	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X
A9 ParNa Monte Pascoal	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X
A10 ReBio de Una			X	X	X		X	X	X		X	X	X	
A11 Faz. Bolandeira			X	X	X		X	X	X		X	X		

Conduru e RPPN do Ecoparque. Além de outras que reúnem diferentes tipos de ambientes, com a Estação Ecológica Estadual de Nova Aliança e as RPPNs da Serra do Teimoso, áreas de matas semidecíduas.

Existem ainda, grandes blocos de matas de tabuleiros e de Matas de Restinga da região de Camamú e Nilo Peçanha que necessariamente devem ser considerados para a implementação de novas Unidades (veja também Thomas *et al.* 1997).

As matas de restinga estão associadas aos cordões arenosos que ocorrem na

parte baixa do degrau oriental da Formação Barreiras. A estrutura dessas matas é muito específica, contando com uma forte substituição da composição florística e tolerância ao estresse fisiológico, até se confundirem com as matas de tabuleiro (Peixoto e Gentry 1990). Nas áreas próximas do litoral contam com um único estrato, baixo e emaranhado. A fisionomia das Matas de Restinga propriamente dita é de baixa estatura com caules finos e dossel descontínuo (veja Mori *et al.* 1983).

A suia (*Touit surda*) é a espécie que melhor caracteriza as matas de restinga. Nessa formação também são encontrados as curicas (*Amazona amazonica*), os periquitos-estrela (*Aratinga aurea*), as cuiubas (*Forpus xanthopterygius*) e as tiribas (*Brotogetis tirica*). Essas três últimas muito comuns ao longo das praias e plantações de coqueiros (*Cocos*).

A especulação imobiliária surge naturalmente em áreas próximas aos grandes centros turísticos, como Itacaré, Ilhéus, Porto Seguro e Caravelas. Os empreendimentos hoteleiros e a urbanização das praias para loteamentos são os principais aspectos para a fragmentação das restingas e conseqüente necessidade de ações de conservação para as aves associadas a esses ambientes.

As matas semidecíduas geralmente ocorrem em áreas interioranas, ou onde o relevo é mais movimentado (IBGE 1988). A zona de transição entre as matas de tabuleiros e matas semidecíduas era muito rica em tipos diferentes de ambientes (Mori *et al.* 1983, Peixoto e Gentry 1990). Contudo, esses ambientes foram em sua quase totalidade transformadas em pastagens ou abandonadas depois da derrubada total das florestas.

As espécies que melhor identificam as matas semidecíduas são as caras-sujas (*Pyrrhura frontalis*) e a maracanã (*Propyrrhura maracana*), duas espécies que foram assinaladas exclusivamente nesse tipo de paisagem.

Os fragmentos remanescentes dessa fisionomia são em sua maioria muito pequenos, degradados e isolados. Não existem Unidades de Conservação que contemplem essa fisionomia no extremo sul da Bahia e são raras as iniciativas particulares que ainda mantém remanescentes. Assim, ações urgentes de conservação devem ser orientadas no sentido de preservar parcelas de matas semidecíduas na região, principalmente no extremo sul onde as empresas de celulose transformaram as matas nativas em gigantescas monoculturas de eucaliptos.

Os municípios onde os levantamentos indicaram maior número de remanescentes florestais de matas semidecíduas foram Wencelau Guimarães, com seu relevo montanhoso ainda apresenta fragmentos em topos de morro, já possui uma Estação

Ecológica (Nova Aliança); Itamarí, onde ainda existem boas parcelas de matas, principalmente nas encostas ocidentais da Serra de Gandu; Jussari e Arataca, e o complexo interiorano de serras florestadas e cabucas, já existe uma RPPN (Teimoso); Itapebi, nos fragmentos ao longo do Rio Jequitinhonha; Guaratinga, onde existem diversos fragmentos de tamanho adequado a formação de corredores; e Itamaraju, com seus remanescentes pequenos e isolados.

Alternativas de desenvolvimento sustentado, como o seqüestro de carbono e outros serviços ambientais, o turismo e outras atividades produtivas de menor impacto, aliadas aos instrumentos econômicos balizados por diretrizes governamentais (políticas públicas), visando a conservação dos recursos naturais devem ser avaliadas e implementadas. Caso contrário, existe o risco de uma parcela importante da diversidade biológica, cultural e histórica do sul da Bahia pode ser perdida.

AGRADECIMENTOS

O Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (PROBIO), financiado pelo Global Environmental Fund (GEF), com recursos do Ministério do Meio Ambiente (MMA) e do Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) financiou os trabalho de campo. A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) ofereceu o suporte acadêmico fundamental para a pesquisa biológica. A Conservation International do Brasil (CI) e o Center for Applied Biodiversity Sciences (CABS) apoiaram a iniciativa e também financiaram os trabalhos de campo. O Instituto de Estudos Sócio-Ambientais do Sul da Bahia (IESB) deu todo o apoio logístico e otimizou os contatos com proprietários e instituições locais. Aos proprietários que gentilmente permitiram o acesso às suas reservas de matas e disponibilizaram as informações históricas sobre as áreas. A todos os pesquisadores da equipe biológica do Projeto "Abordagens Ecológicas e Instrumentos Econômicos para o Estabelecimento do Corredor do

Descobrimto: Uma Estratégia para reverter a fragmentação Florestal na Mata Atlântica do Sul da Bahia” pelas discussões e constante troca de informações.

Referências bibliográficas

- Bernardes, A. T., A. B. M. Machado e A. B. Rylands. 1990. *Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*. Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte, Brasil.
- Bibby, C. J., N. D. Burgess e D. A. Hill. 1992. *Bird Census Techniques*. British Trust for Ornithology and The Royal Society for the Protection of Birds. Academic Press, London.
- Bright, C. e A. Matoon. 2001. The Reforestation of Atlantic Forest. *World Watch*: 14(6): 8-16
- Brooks, T., J. Tobias e A. Balmford. 1999. Deforestation and Bird Extinctions in the Atlantic Forest. *Animal Conservation* 2: 211-222.
- Câmara, I. B. 1991. *Plano de Ação para a Mata Atlântica*. Fundação SOS Mata Atlântica, São Paulo.
- CI/FB/SNE. 1994. Prioridades para a Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste. Mapa e texto. Conservation International, Fundação Biodiversitas e Sociedade Nordestina de Ecologia, Washington, D.C.
- Collar, N. J.; Gonzaga, L. P.; Krabbe, N.; Madroño Nieto, A. Naranjo, L. G.; Parker III, T. A. e Wege, D. C. 1992. *Threatened birds of the America: The ICBP/IUCN Red Data Book*. Third edition, part 2. Smithsonian Institution Press, Washington. International Council for Bird Preservation, Cambridge.
- Collar, N. J., M. J. Crosby e A. J. Stattersfield. 1994. *Birds to watch 2, the world list of threatened birds*. BirdLife Conservation Series No 4. BirdLife International, Cambridge, UK.
- Cordeiro, P. H. C. 1999. *Padrões de Distribuição Geográfica dos Passeriformes Endêmicos da Mata Atlântica*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Dinerstein, E., D. M. Olson, D. J. Graham, A. L. Webster, S. A. Primm, M. P. Bookbinder e G. Ledec. 1995. *A conservation assessment of the terrestrial ecoregions of Latin America and the Caribbean*. World Bank, Washington, D.C.
- Fonseca, G. A. B. 1997. Biodiversidade e impactos antrópicos. Em J. A. de Paula Org. *Biodiversidade, População e Economia: Uma região de Mata Atlântica*. UFMG, Belo Horizonte, M. G.
- Forshaw, J. M. 1978. *Parrots of the World*. Second Edition. Lansdowne Press, Melbourne, Austrália.
- Gonzaga, L. P., J. F. Pacheco, C. Bauer e G. D. A. Castiglioni. 1995. An avifaunal survey of the vanishing montane Atlantic Forest of Southern Bahia, Brazil. *Bird Cons. Intern.* 5: 279-90.
- IBGE. 1988. *Mapa da vegetação brasileira*. Escala 1:5.000.000. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, Brasil.
- Juniper, T. e M. Parr. 1998. *Parrots, A Guide to Parrots of the World*. Yale University Press, USA.
- Mittermeier, R. A., G. A. B. Fonseca, A. B. Rylands e C. G. Mittermeier. 1997. *Megadiversity: Earth's Biologically Wealthiest Nations*. CEMEX, Mexico.
- Mori, S. A., B. M. Boom, A. M. Carvalho e T. S. Santos. 1983. Southern Bahian moist forest. *Bot. Rev.* 49: 155-232.
- Pacheco, J. F., B. M. Whitney e L. P. Gonzaga. 1996. A new genus and species of furnariid Aves: Furnariidae from the cocoa-growing region of southeastern Bahia, Brazil. *Wilson Bull.* 108: 397-433.
- Pinto, O. M. de O. 1935. Aves da Bahia. Notas críticas e observações sobre uma coleção feita no Recôncavo e na parte meridional do estado. *Rev. Mus. Paulista* 19: 1-325.
- Peixoto, A. L. e A. Gentry. 1990. Diversidade e composição florística da Mata de Tabuleiros na Reserva Florestal de Linhares Espírito Santo. *Revta. Brasil. Bot.* 13: 19-25.
- Rizzini, C. T. 1979. *Tratado de Fitogeografia do Brasil*. 2 vols. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sick, H. 1997. *Ornitologia Brasileira*. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 912p.
- SOS Mata Atlântica e INPE. 1997. Atlas da Evolução dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica. Fundação SOS Mata

- Atlântica e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São Paulo, SP.
- Stotz, D. F., J. W. Fitzpatrick, T. A. Parker III e D. K. Moskovits. 1996. Neotropical birds, ecology and conservation. University of Chicago Press, Chicago, USA.
- Thomas, W., A. M. de Carvalho e O. Herera-MacBryde. 1997. Atlantic Moist Forest of Southern Bahia, South-eastern Brazil. *In*. Centers of Plants Diversity, A Guide and Strategy for their Conservation. 3 Vol. UICN Publication Unit. Cambridge, UK.

Cordeiro, P.H.C. 2003. A Fragmentação da Mata Atlântica no Sul da Bahia e suas implicações na conservação dos psitacídeos *In*: Prado P.I., Landau E.C., Moura R.T., Pinto L.P.S., Fonseca G.A.B., Alger K.N. (orgs.) *Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Sul da Bahia*. Publicação em CD-ROM, Ilhéus, IESB / CI / CABS / UFMG / UNICAMP.